

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 70

Assinaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º ANNO

A questão clerical

A PROPOSITO DO CASO DAS TRINAS

E' o caso de todas as lousas antigas e modernas, diziamos nós ao findar o ultimo artigo.

Quando este periodico levantou em Aveiro a celebre questão das irmãs da caridade, no verão de 1888, foram muitos os casos citados por nós analogos ao da filha de Antonio Augusto Coelho de Magalhães e agora a este da sr.ª D. Rosa Calmon.

Recordaremos alguns.

Uma rapariga de Vigo, Manuela Paz Lois, foi internada contra vontade dos paes n'um convento.

Estes intentaram um processo ruidoso para reaver a filha, sendo baldados todos os seus esforços.

Como Antonio Augusto Coelho de Magalhães e como o sr. Calmon não se conformavam com o facto. Mas apesar de serem mais felizes do que estes, porque a filha era menor e, então, tinham a lei a seu favor, as difficuldades e chicanas erguidas pelos clericaes foram de tal ordem que o tempo foi decorrendo sem que os pobres paes conseguissem o seu fim.

Entretanto, a pobre rapariga adoeceu e morreu.

A' hora da morte fez-se uma certa lucidez no seu espirito e pediu para vêr a mãe.

Os jornaes de Madrid, que trataram ruidosamente o caso, referiam assim os ultimos instantes da desgraçada:

«Na penultima sexta-feira quiz levantar-se do leito, mas teve que desistir, porque lhe mingnavam as forças. Mais tarde manifestou o desejo de escrever a sua mãe.

No dia seguinte, os medicos desesperaram de a salvar. A's 5 horas da tarde mandou a doente chamar a madre abandonada e disse-lhe:

— Desejo vêr minha mãe. Sinto que vou morrer.

Logo que cahiu a noite, chegou ao convento o medico, que fóra chamado á pressa. A' meia noite começou a agonia e ás 3 horas da madrugada cahiu n'um profundo abatimento, de que despertou um instante com o auxilio de algumas colhores de caldo e vinho de Xerez. De repente, ergueu-se no leito e voltando os olhos em volta da cella, exclamou:

— Ai! minha mãe, que eu morro!

E deixou cahir a cabeça no travesseiro, expirando um minuto depois!»

Pobre menina. Esta ainda pronunciava o santo nome de mãe. Não estava bem nos casos da filha do advogado Antonio Augusto e da sr.ª Calmon. Estava mais nas circumstancias de D. Henriqueta Loureiro. Como esta, julgou aquillo uma coisa e ella sahio-lhe outra. Como esta, arre-

pendeu-se. Mais infeliz, porém, não teve a ventura, que teve a sr.ª Loureiro, de se libertar das garras dos condores.

Tinha feito testamento de quarenta mil duros á ordem e a ordem não perde fatias d'esse quilate ainda que tenha de recorrer aos meios extremos.

Outra.

Amelia Ferreira de Azevedo, solteira, de 24 annos de idade, filha de Bernardo Justino Leitão, abastado proprietario da freguezia de Santa Leocadia da Pedra Furada, fez confissão geral depois d'uma missão dos missionarios do Varatojo.

Pouco tempo passado endoideceu de todo e teve de entrar n'um hospital de alienados.

E' o caso da irmã do mallogado dr. Sá.

Aveiro, infelizmente, tem exemplares para tudo, no que diz respeito a seducções jesuiticas.

Todos se recordam da pobre doida da viella da Cruz, que acordava com os seus gritos furiosos o silencio d'aquelle sitio. Lá estava ella a penar, a penar, n'um horror desatinado do inferno como se a pobre tivesse em vida as chammas de Satanaz a queimar-lhe os miolos.

Desgraçada mulher!

Essa voltou. Não tinha herança a deixar. Sem heranças e doida era um trambolho. Não foi preciso que as auctoridades publicas fizessem abrir as pesadas portas de ferro para a trazer cá para fóra, como succedeu com a sr.ª Loureiro. Não. Os jesuitas não querem trambolhos. Doida e pobre? Eis um salvo conducto infallivel para chegar á luz e á liberdade.

E doida veio a pobresinha, repellida, expulsa—santa caridade!—viver n'essa agonia cruel, cujos eccos ainda chegam á alma de quem escreve estas linhas, e que a presenciou creança, como os dobres mais tristes e plangentes de quantos ouviu n'esta terra, onde os sinos—horrorosa coisa—tangem e gemem todos os dias pelos mortos.

Oh! sim, horrorosa coisa! Mal sabem todos os brutos do meu paiz, onde abundam como bichos de conta, a influencia desgraçada d'esses dobres continuos e coisas equivalentes de fradarias e egrejas.

A creança faz-se homem. E na recordação do seu passado só avultam melancolias e tristezas, fazendo d'elle esse ser pesado, macambuzio, pessimista, desalentado, descrente, funebre, que constitue isso que irrisoriamente se chama cidadão portuguez.

—Outra.

Contava o *Petit Parisien*:

«Acaba de morrer em Pont-l'Évê que um bello homem, que gosou sem-

pre da estima publica. Era um republicano de velha data, que tomou parte na revolução de 1848 como diz o sr. Augusto Vacquerie no *Rappel*.

Mais tarde, em 1851, teve a honra de ser alcançado pelo golpe de Estado:—preso no meio dos seus, arrebatado ao affecto de sua mulher e dos seus filhos, foi registado na cadeia de Pont-l'Évêque. Conduzido como um malfeitor de cidade em cidade, embarcado no Havre e conduzido á Algeria.

Quando o imperio entregou a França á Prussia e a invasão marchou sobre Paris, foi, apesar de ter então setenta annos, dos que se vieram encerrar connosco, em Paris, soffrer o bombardeamento, o frio e a fome, alistando-se no 236 batalhão de engenharia.

Este bravo republicano, este digno patriota que se chamava Bernard-Lecchevalier, declarou no testamento que queria ser enterrado civilmente. Ora eis o que se passou.

Depois do enterro do sr. Bernard-Lecchevalier, um dos seus amigos, o sr. Amédée Tissot publicou uma brochura em que contava a vida do defuncto. Entre outras coisas dizia: «Bernard-Lecchevalier era dos que impõem o respeito, d'aquelles que passam a vida a fazer bem. Raros são os que sabem, como elle soube durante uma larga existencia, cumprir tão bem a missão social. Bernard-Lecchevalier era um homem de bem na acceção sincera da palavra. Nós, que choramos a partida eterna do nosso mestre venerado, conservaremos com reverencia a lembrança das suas virtudes e do seu saber; será depois da morte o nosso modelo como o foi durante a vida.»

Os leitores julgarão naturalmente que os parentes d'esse homem se honrarão em o contar no numero dos membros da sua familia. Pois bem; não succede nada d'isso e a filha do sr. Bernard-Lecchevalier,—sim, a sua propria filha!—protesta contra a publicação da brochura do sr. Amédée Tissot!

Parece incrível, mas não é.

A filha do sr. Bernard-Lecchevalier chegou a requerer aos commissarios de policia de Lisieu, Trouville e Honfleur o sequestro da referida brochura; além d'isso atirou-se a um dos vendedores da brochura e rasgou as paginas em que se fazia o elogio de seu pae!

Porque? Porque a filha do sr. Bernard-Lecchevalier é clerical, porque prefere que se não diga bem de seu pae a dizer-se que foi republicano e livre pensador. Esta mulher é impellida pelos reaccionarios, o que demonstra que os clericaes nem mesmo conservam o respeito filial, o que prova que o odio da Igreja nem mesmo abranda deante da morte.»

Olha que novidade! Ainda o *Petit Parisien* se entretinha com considerações de tal ordem!

Os clericaes nem só não conservam o respeito filial como empregam todos os meios, ainda os peiores, para o annullar.

Essa filha do tal sr. Bernard-Lecchevalier é outro modelo de educação clerical. Já vimos em artigos anteriores como os clericaes tratam os que não commungam nas suas asneiras, embora sejam glorias consagradas na litteratura ou na sciencia.

Alexandre Herculano—disseram o sr. Grainha—era o azeite-

70. Não o tratavam d'outra fórma os professores dos collegios de jesuitas.

José Estevão era um doido. «Quem tem a culpa é um doido irmão d'outro doido e pedreiro livre que ali houve chamado José Estevão Coelho de Magalhães e que já morreu felizmente.» Assim se expressava um mariolão d'um padre, como a *Revolução de Setembro* relatava e nós transcrevemos, quando se referia á fuga das cinco educandas do convento de Sá em Aveiro e aos protestos lavrados publicamente por Antonio Augusto Coelho de Magalhães, pae de uma d'ellas.

Não ha que vêr. São as mesmas em Portugal, em Hespanha, em França, em toda a parte.

«Aos que não conhecem casos d'esta ordem e que não podem tomar d'elles conhecimento nos tratados de psychiatria, enriquecidos de extranhos termos technicos, a ponto de passagem, a leitura de um curto livro litterario em que a maravilhosa intuição de um artista de raça deixou traçado, ha dezete annos, o árido e secco perfil das hystericas mysticas. Leiam as commovidas paginas d'A *Evangelista*, de Affonso Daudet, e acharão estereotypada na loucura affectiva de Eline, a loucura affectiva de D. Rosa Calmon. E' que sempre e em toda a parte os typos morbidos se repetem; a questão toda está em ter-se educada a visão mental que os surprehende.» (Julio de Mattos—*A Questão Calmon*, pag. 54.)

Sempre e em toda a parte os typos morbidos se repetem e principalmente os typos do fanatismo religioso. Vêr um é vél-os todos.

Por isso mesmo faremos no proximo artigo um resumo d'essa, em verdade, obra admiravel de Alphonse Daudet. *L'Evangeliste*, cuja leitura o sr. Julio de Mattos, com toda a sua auctoridade scientifica e professional, recommenda aos que queiram conhecer bem o typo das hystericas mysticas, typo universal e commum.

L'Evangeliste, de Daudet, e *Soeur Philomène* de Edmond et Jules de Goncourt,—os irmãos Goncourt—são dois livros excellentes que deveriam lêr não só os que tivessem amor ás questões sociaes como ás boas letras.

Excellentes sob todos os pontos de vista, a principiar no ponto de vista artistico.

E continuaremos.

A quem compete

Queixaram-se-nos os guardas do rio e vallas da Hydraulica, que vae para 3 mezes que não recebem os seus ordenados. Ora estes pobres homens são todos chefes de familia. Como poderão elles sustentar a se o estado não lhes paga ha 3 mezes o producto do seu trabalho!? E' inacreditavel. Mas é verdadeiro.

A quem superintende n'estes serviços pedimos que melhore a sorte d'esta gente.

O LABYRINTHO DE DÉDALO?

Annuncia o *Bulletin de l'art ancien et moderne* que o sr. Arthur Evans, conservador do museu de Oxford, acaba de fazer na ilha de Creta uma descoberta incomparavel.

Em Képhala, perto de Cnosse, o sr. Evans achou debaixo da terra um palacio ao pé do qual ficam a perder de vista os de Tyrintho e Mycenae e que, por um maravilhoso acaso, se conservou intacto durante mais de tres mil annos.

A uma pequena profundidade, topou o alvião com grandes pateos, galerias, corredores, immensos armazens contendo uma colleção de jarras gigantescas e um sem numero de camaras, todas ornamentadas com baixos relevos, estatuas e frescos. N'uma via-se um throno de alabastro esculpturado; n'outra uma fonte de marmore ornada com cabeças de leões; alli vasos e lampadas de porphyro; aqui, frisas de um desenho egual ao dos florões mycenios; alli, columnas talhadas em fórma de lótus como os pillares dos grandes templos thebanos; além, ao lado d'uma pintura representando um mancebo com typo grego e perfil classico, eleva-se uma estatua semelhante á d'um rei ou deus egypcio; mas o que se via sobretudo em quasi todos os compartimentos, gravadas ou pintadas na parede, eram grandes figuras de toiros. O *Bulletin de l'art ancien et moderne* não hesita em declarar que todas estas descobertas deixam na sombra as que illustraram o nome de Schliemann e esta apreciação não é exaggerada, se é verdade que o sr. Evans encontrou, como elle julga, o famoso labyrintho construido pelo engenheiro Dédalos, por ordem de Minos.

ALMANACH HACHETTE

PARA 1901

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

Roma inundada

Roma está inundada. Todas as vezes que ao throno de Italia sobe o rei novo, o Tibre trasborda. Deu-se isto em 1870, quando Victor Manuel se installou no Quirinal; em 1878, nos principios do reinado do rei Humberto e em 1900, por occasião das festas em honra de Victor Manuel III. A inundação actual é a maior de todas as conhecidas até hoje. Para os italianos supersticiosos, este acontecimento é um triste presagio.

Mais um padre preso

Foi preso em Ganbois (França) o padre Denizet, cura de Mouchey (Doubs), accusado de attentados contra menores.

Cartas d'Algures

14 DE DEZEMBRO.

Sua Magestade fez um brinde muito entusiastico em favor da alliança entre Portugal e a Inglaterra.

Sua Magestade — supponho que nos darão licença para escrever isto — nem sempre disse a verdade historica. Comtudo, a questão, para mim, não está tanto nas palavras do rei como nas do seu amigo Emygdio Navarro.

Segundo este senhor, Portugal entrou, com a alliança ingleza, no caminho da regeneração. Agora é que elle vae para cima. Agora é que são ellas, se não dormirmos, acrecenta Navarro — se as palavras não são estas é este o sentido — a sombra dos louros colhidos.

Ora aqui é que está o busilis, ou, por outra, a bella asneira. O sr. Emygdio Navarro é para muita gente um oraculo. Eu tenho um amigo que acredita piamente em tudo o que elle diz, e que o considera a primeira capacidade europeia. Felizmente nem toda a outra gente pensa da mesma forma, sem que eu pretenda com isto tirar, ou, sequer, diminuir ao sr. Emygdio Navarro os merecimentos intellectuaes que elle realmente tem.

Mas entramos nós no periodo da regeneração só por se terem matado novamente os laços da alliança ingleza, na terminologia da rhetorica indigena, isso, salvo a seja, é grossa asneira, que não abona a tal opinião de primeira capacidade europeia, em que está arreigado o supracitado meu amigo.

Se, em virtude da alliança ingleza, nós tomássemos, ou pretendéssemos tomar, da Inglaterra, em vez do apoio das suas esquadras, o exemplo das suas virtudes sociais, do seu senso pratico, da sua capacidade administrativa, então sim. Mas ao mesmo tempo que os homens do regimen, os mais caracteristicos, apreçoam em todos os tons e com todos os entusiasmos as excellencias e vantagens da alliança, ao mesmo tempo que se esalfam em elogios e que se desmancham em zumbaias ao poder, á força, á grandeza da Inglaterra, cada vez que se afastam mais, nos processos politicos, que aconselham e que praticam, d'aquillo que exactamente constitue aquelle poder, aquella força e aquella grandeza.

A Inglaterra tem defeitos e um dos principaes é o seu desmedido egoismo. Este egoismo, por vezes brutal, com a deslealdade

que lhe serve de base, tem irritado os povos a ponto de se ter visto agora, na guerra do Transvaal, um facto unico na historia: a opinião do mundo inteiro hostile á Inglaterra.

Do mundo inteiro! Até o povo dos Estados-Unidos, que pertence á raça saxonica, vae n'essa corrente.

O sr. Navarro e mais navarros riem-se, com a capacidade de superioridades europeias, d'esse facto. Comtudo, elle é importantissimo. Só um imbecil ou um homem cego pela paixão pôde deixar de lhe dar a importancia que elle tem.

Nunca foi indifferente a opinião publica. Não o era já nos antigos regimens, quanto mais nos regimens modernos. Pela experiencia individual e pela historia todos quantos não andam n'este mundo por ver andar os outros conhecem o poder extraordinario do sentimento.

Ora a Inglaterra excitou e irritou o sentimento humano em todo o mundo. E' o facto, facto grave, que tem preoccupado todos os pensadores da propria Inglaterra.

Se até aqui os governos europeus tem conseguido impôr-se ao sentimento publico e dominá-lo, talvez que o não possam fazer amanhã. Em qualquer caso é sempre mau um homem ou um povo viver, como vive a Inglaterra, mais do medo que da sympathia que os outros lhe tem. O medo triumphante, se chega ou quando chega a triumphar, é a coisa mais impiedosa e mais cruel. Ora a Inglaterra ha mais de meio seculo que vem concitando contra si a antipathia universal, impondo-se só pelo medo. E não se diga que foi sempre assim. Não. Pelo contrario. Houve periodos historicos em que a Inglaterra teve consigo os applausos de toda a humanidade.

Mas se a Inglaterra tem defeitos, em compensação tem grandes virtudes, ás quaes deve todo o seu esplendor. Não ha ninguém que mais admire essas virtudes do que eu. Só estranho que os anglophilos as não admirem também e não empreguem todos os esforços para as introduzir entre nós.

Não ha de ser a alliança ingleza que ha de regenerar Portugal, já porque seria caso unico uma alliança a regenerar um povo, já porque se isso fosse caso para regenerar um povo ha muito que nós estaríamos regenerados porque de ha muito que essa alliança existe.

As capacidades europeias tem

meu logar, continuou ella, — tu fica onde estás; e, se tentares diminuir de um só passo a distancia entre nós, verás que uma donzella judia antes quer entregar a alma a Deus do que a sua honra a um templario.

Emquanto Rebecca fallava assim, a sua nobre e firme resolução, que tão, bem correspondia á expressiva belleza do seu rosto, imprimia aos seus olhos, á sua physionomia e attitudo uma dignidade que parecia sobrehumana. O seu olhar não se perturbou, as suas faces não descoraram com receio de uma morte tão imminente e tão horrivel; pelo contrario, a ideia de que a sua sorte dependia d'ella e que podia pela morte escapar á infamia, fez avivar a cor da sua pelle e tornou mais brilhante a chamma do seu olhar. Bois-Guilbert, que tam-

d'isto: ás vezes dizem coisas que parecem ditas por calinos.

O que seria capaz de nos regenerar seria o grande espirito de liberdade, de independencia, de trabalho, de progresso, que caracteriza o povo inglez.

Eu não sou anglophobo, nem peço tempo a vociferar contra a alliança ingleza. Penso mesmo que esta alliança seria boa se Portugal fosse capaz de se manter no papel de aliado e não de protegido, que tem sido, afinal, o seu papel constantemente. Aliado, sim. Então a alliança seria boa. Protegido, não, porque proteções de tal ordem são mais fustas do que o isolamento. Mas se da protecção viesse a aquisição das altas qualidades, que engrandecem o povo inglez, eu até por essa protecção momentanea votaria.

Acabe-se com o celebre corregedor da Parreirinha, respeite-se o direito, pratique-se a liberdade, dê-se o exemplo do trabalho e viva a Inglaterra. Faça-se o que se faz n'este grande paiz, em vez de se elogiar só a sua força e o seu poder. Acabe-se com a immoralidade do Frei Thomaz: olha o que elle diz e não olhes o que elle faz, essa immoralidade tão caracteristicamente portugueza, e todos os navarros ficarão com auctoridade para engrandecer e cantar a Inglaterra.

Como? Pois o paiz onde um carregedor chega a ponto de prohibir que os jornaes contem as minuciosidades d'um crime commum, tem a audacia de entoar homilias á liberal e progressiva Inglaterra e de nos impôr o respeito d'esta nação como um dever patriotico?

Quando as esquadras inglezas veem ao Tejo o celebre corregedor prohibe que a imprensa democratica fale sobre a Inglaterra. Pois deixem-nos falar, que, por nós ao menos, não tencionamos falar para dizer mal da nossa fiel aliada. Ao contrario. O que nós queremos dizer ao povo é só isto:

Tem razão os apologistas da Inglaterra. Este paiz é uma grande e poderosa nação. Mas sabeis, ó povo, d'onde vem essa grandeza e esse poder? Do espirito democratico, que todos os dias se reprime e se espesinha em Portugal. A Inglaterra pôde ser dura e cruel com os estranhos. Mas, na sua casa, ninguém, mais do que ella, faz respeitar o direito e a liberdade. Na Inglaterra não se dissolvem comicios por uma palavra. Na Inglaterra não se supprimem jornaes pelo unico motivo de desagradarem ás

regiões do poder. Na Inglaterra não ha censura previa. Na Inglaterra não se prohibe á imprensa que discuta allianças nem coisa nenhuma. Na Inglaterra muito menos se prohibe, portanto, que a imprensa conte as minudencias d'um crime, porque esse crime envolve escandalos d'alta roda.

Na Inglaterra é tão grande a liberdade de tribuna e de associação como a liberdade de imprensa e de reunião. A Inglaterra é um paiz prospero, progressivo e rico porque é um paiz livre, justo e trabalhador.

Com que auctoridade e com que direito nos apontam o exemplo da Inglaterra os mantenedores do juiz Veiga, d'esse homem que é hoje um symbolo de despotismo e retrocesso?

A que titulo ajoelham esses homens aos pés da Inglaterra para lhe entoar canticos e louvores?

A titulo dos progressos de Portugal?

Não, que elles reprovam entre nós o que de melhor se pratica entre ella.

Não, e não.

Não. Sempre não.

O motivo é outro.

Que o saiba o povo e que o não esqueça.

cumprir-me, a bem da verdade, justiça e dignidade de tão prestimoso e desinteressado cavalheiro, declarar que tal baléa é destituida de fundamento e não passa d'uma infamia, com o fim de menoscabar a reputação d'aquelle distincto amigo, o que não se conseguirá.

Aveiro. 11 de dezembro de 1900.
Pedro Augusto Ferreira.

O facto que motivou a declaração sincera do sr. Pedro Ferreira, é, como este nosso amigo diz, uma infamia que, a nosso ver, não atingirá o fim que o difamador ou os difamadores de profissão tiveram em vista, quando, movidos por um baixo sentimento de intriga mesquinha e queixa de réles invejas, inventaram e dêram curso, por assim dizer forçado, a uma falsidade que não logrou nem podia lograr grande vida, porque, contra ella, se levanta a consciencia de quantos, como nós, conhecem de perto a bondade e desinteresse com que o sr. Manuel da Rocha se presta a favores de tal ordem, que são tantos e tão grandes que deixam em completa sombra os pequeninos favores que, com pomposos réclames, por ahí temos visto alardeados.

Pela nossa parte, repudiámos os eméritos difamadores e applaudimos a attitudo que a tal respeito tomou o nosso amigo sr. Pedro A. Ferreira.

Uma descoberta vallosa

A guerra contra a China, por uma consequencia imprevista, prestará grandes servicos á sciencia. Por occasião da entrada das tropas russas em Mukden, cidade santa da Manchuria, descobriram-se varias bibliothecas encerrando uma grande quantidade de manuscritos relativos á historia do Oriente, tão mal conhecida da Europa. Entre esses manuscritos havia alguns gregos e latinos. Uma missão russa composta de archeologos, de latinistas e de hellenistas, vae partir para Mukden, para estudar esses thesouros. A opinião geral é de que taes manuscritos foram roubados á Europa, no tempo da invasão tartaro-mangolica, nos XII e XIII seculos, e que pertenceriam a Kiel, á Polonia, á Allemanha, enfim, a todo o Oriente europeu. Espera-se encontrar alguns textos, considerados até hoje como perdidos, dos grandes escriptores da antiguidade: o texto original de Petronio, e talvez a obra inteira de Polybio e de Tito Livio.

Para rir:

Um rapaz falava com muita prosapia do seu conhecimento da natureza humana — da sua prespicacia:

— Eu posso dizer á primeira vista, exclamou elle, o que os outros pensam a meu respeito.

— Coitado! disse uma senhora melancolicamente, como isso deve ser desagradavel para si!

Cantares do Lindo Valle

Recebemos este livro de versos, do sr. Antonio Carvalhal.

Os versos são geralmente bons e promettem um poeta.

Dizemos pouco mas creia o sr. Carvalhal que dizemos ao mesmo tempo muito, porque exprimimos o que sinceramente sentimos.

Agradecemos.

CARTA

Do nosso estimavel amigo, o sr. Pedro Augusto Ferreira, recebemos a carta que abaixo reproduzimos:

Sr. redactor. — Espero dever-lhe o obsequio de dar publicidade no seu jornal á declaração que segue, e que faço como homenagem á justiça, tão depressa tenho conhecimento do que ahí corre contra a expressão da verdade.

Seu aff.º am.º

Pedro Augusto Ferreira.

Chegando ao meu conhecimento o propalar-se que, se o meu bom amigo, sr. Manuel da Rocha, tem diversas vezes prestado a sua assignatura para eu obter qualquer quantia, o tem feito movido por um vil interesse futuro, chegando-se a inventar que, quando presta a sua assignatura para dois é para mais tarde receber quatro;

mare desde a corte de Castella até Bizancio. E qual foi a minha recompensa? Qual voltei, coberto de louros, que tão caro adquirira, á custa de fadigas e do meu sangue, encontrei-a casada com um reles proprietario da Gasconha, cujo nome nunca passara além do seu miseravel dominio! Eu amava-a de veras e vinguei-me cruelmente da sua falta de fidelidade. Mas a minha vingança recabiu sobre mim proprio. Desde esse dia quebrei todos os laços que me prendiam á vida: a minha idade madura não conhecerá as felicidades da familia, não será acariciada por uma esposa dedicada; a minha velhice não conhecerá um lar amigo; o meu tumulo será solitario, e ventum descendente me sobreviverá para manter o antigo nome dos Bois-Guilbert. Aos pés do meu superior

(69)

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXIV

— Que as minhas armas sejam voltadas e o meu nome deshonrado, disse Brian de Bois-Guilbert, se te der motivo para te queixares de mim! Tenho muitas vezes violado as leis e os regulamentos, mas a minha palavra — nunca!

— Acreditar-te-hei então... disse Rebecca, e tendo descido da borda da seteira e parado junto a uma das aberturas ou machicoulis, como então se chamavam, acorecentou: — até este ponto. Aqui é o

Os mosquitos

E O

PALUDISMO

Terrível casta que é essa dos mosquitos e cuja utilidade na natureza não parece de modo algum demonstrada áquelles que são victimas d'elles. Terríveis pelas chagas, erupções e comichões, ás vezes mesmo dôres que provocam as suas picadelas, mas terríveis tambem pelo contagio que semeiam juntamente com cada uma das suas cruéis mordeduras. Já assignalei, ha tempos, as primeiras indagações de Patrick Manson, de Ross e d'alguns outros práticos sobre a genesis da malaria. (1) do paludismo. Por uma série de factos bem claros e d'experiencias muito bem conduzidas, chegaram a demonstrar que o parasita do paludismo, descoberto por um medico francez, o dr. Laveran, era introduzido no corpo humano pelos mosquitos. Desde o anno passado, estes estudos interessantes tem sido continuados por toda a parte, nas indias holandezas pelo dr. Koch, e, sobretudo, na Italia por Celli, Grassi, Bignami e outros sábios distinctos. Os resultados são dos mais claros e dos mais decisivos e pôde-se dizer que na accção dos mosquitos não deve haver malaria.

A malaria é endemica em certas regiões porque estes paizes constituem focos propicios ao nascimento das larvas de mosquitos, á cultura do insecto propagador do parasita. Recolhendo, com effeito, a agua dos lameiros e dos charcos nas campinas romanas, em todos os logares reputados insalubres sob o ponto de vista das febres intermitentes, n'ella se encontrará a especie que parece especial á cultura do parasita, o mosquito chamado *anopheles*. As diferentes variedades de *anopheles*, o *claviger*, o *pictus*, o *pseudopictus* e o *superpictus*, o *bifurcatus* são tão perigosas umas como as outras; em compensação o mosquito das nossas regiões, o *culex pipiens*, (2) pôde ser muito incommo e muito desagradavel; pôde-nos encher a cara e as mãos de picadelas pungentes, mas não inocula, como o seu congeneres, o germen da malaria.

(1) Febre intermitente e remittente, caracteristica dos arredores de Roma.
(2) Aveiro, como se sabe, é a terra de mais mosquitos que ha em Portugal. Houve tempos em que as febres intermitentes disimaram esta população. Não andaria por cá o tal *anopheles*?

Nos paizes onde reina esta febre devastadora, os *anopheles* encontram os mais propicios abrigos para depôr os seus ovos nas aguas estagnadas dos fossos e dos charcos. Estes charcos encontram-se com abundancia em volta das habitações de camponezes, que tem os *anopheles* por hospedes constantes e, sob este ponto de vista, pôde-se dizer, com ironia amarga, que são verdadeiramente pequenos animaes domesticos.

Depostos á superficie d'essas aguas, os ovos transformam-se, as larvas surgem, crescem e, n'um só verão, podem apparecer tres a quatro gerações de insectos. A trezentos ou quatro centos ovos por cabeça é facil imaginar a marcha progressiva do insecto. As fortes geadas, a agitação das aguas (e é por isto que poucos se veem nos rios de curso rapido) a qualidade das aguas (aguas salinas e sulfurosas) etc, e outras condições podem prejudicar o desenvolvimento das larvas, mas basta que um certo numero sobreviva para que na primavera reapareçam os accidentes do paludismo.

Como se faz a infecção? Até agora não se ponde demonstrar que o parasita seja transmittido de mosquito a mosquito. A evolução, que se tem podido seguir, é a da transmissão ao homem. O homem é o hospede temporario e o mosquito o hospede definitivo do parasita. A transformação prepara-se no nosso sangue ou ao menos no sangue dos individuos infectados e completa-se no intestino dos mosquitos. É um cyclo continuo, fazendo-se a inoculação sem tréguas nem descanço. A picadela d'um mosquito *anophele* introduz o parasita no sangue e o mesmo insecto pôde levar a doença a muitos individuos successivamente. Se estes dormirem no mesmo aposento e forem todos mordidos pelo mesmo *anophele* contrahirão todos a doença.

A prova d'esta disseminação pela picada do mosquito foi dada d'um modo clarissimo pelos doutores Bignami e Grassi. Individuos absolutamente indemnes de paludismo submetiam-se voluntariamente á picada de insectos notoriamente infectados; o braço era mettido n'uma manga de muselina com insectos venenosos. Passados dias, esses homens absolutamente sãos e bem dispostos eram atacados de calafrios e de todos os accessos caracteristicos da febre intermitente.

Essas experiencias, altamente provativas, tinham o inconveniente de serem feitas perto de Roma, isto é n'uma região onde o paludismo é endemico. Ora certos auctores admittem que o ar pôde ser um vehiculo dos miasmas ou dos agentes de contagio. Podia ser o ar, objectava-se, e não a picadela do mosquito que tivesse provocado a febre.

(Continúa).

A idade das grandes arvores

Refere o professor Bessey, na *Science*, que contou com o maior cuidado, na California, as camadas concentricas de crescimento d'uma arvore. A conta deu-lhe exactamente 1:147 circulos concentricos da circumferencia para o centro; portanto é certo que essa arvore, que tinha mais de 24 ou 25 pés de diametro e mais de 300 de altura, adquiriu estas dimensões em 1:147 annos. O sr. Bessey julga que não ha arvore alguma com 2:000 annos approximadamente. Não obstante Candelle attribuiu 2:000 annos e meio aos cedros do parque de Montezuma, Chiapultepek, nos arredores do Mexico, e dos quaes muitos tinham 12 a 15 metros de circumferencia em 1842.

Os olhares das mulheres são como as rodas de certos machinismos fornideiros, aparentemente tranquillias. Passaes todos os dias ao lado d'ellas, pacifica e imponentemente, sem que suspeiteis coisa alguma. Chega um momento em que até esqueceis a sua existencia tão proxima. Andaes de um para outro lado, meditaes, fallaes e rides. De repente, sentis-vos preso! Acabou-se tudo. A engrenagem segura-vos, não importa por onde, nem como, por uma parte qualquer do vosso pensamento, por uma distração. Estaes perdido; passar-vos-ha todo o corpo pela engrenagem. Sois arrastado por um encadeamento de forças mysteriosas, e em vão resistireis. Não haverá socorro humano possivel. Ireis cahindo de roda em roda, de angustia em angustia, de tortura em tortura, vós, o vosso espirito, a vossa fortuna, o vosso porvir e a vossa alma; e segundo estiverdes em poder de uma creatura má, ou de um nobre coração, não salireis da medonha machina senão desfigurado pela vergonha, ou transfigurado pela paixão.

Victor Hugo.

OS ANIMAES ESCONDEM-SE PARA MORRER?

Tal é a questão abordada pelo dr. Paul Ballion n'um trabalho de conjunto sobre a morte dos animaes. É natural que no campo não se encontram nunca, por assim dizer, cadaveres de animaes, nem de maníferos ou aves, nem de réis ou insectos. É esse facto impressiona tanto mais quanto é certo ser enorme a quantidade d'esses animaes que povoam a

superficie do globo. Pôde-se explicar o phenomeno de duas maneiras: ou os cadaveres desaparecem muito rapidamente, ou os animaes tem por costume, no momento de morrer, refugiar-se em buracos e, por conseguinte, escapar á vista. A questão não está resolvida, mas os factos já conhecidos que vamos expôr, adeauntam bastante n'esse sentido.

É costume nos gatos e nos cães ir agonisar a um canto e muitas vezes bastante longe do seu domicilio habitual, habito que lhes ficou, sem duvida, da vida selvagem.

Os coelhos parece fazerem o contrario e sabirem da toca para morrer, não expulsos pelos seus companheiros, como se tem dito, mas por sua livre vontade; os ratos do campo fazem o mesmo. Mas não é um facto geral entre os roedores; os ratos domesticos notavelmente deixam com effeito os seus retiros, mas para irem morrer em outros logares abrigados, sob as telhas concavas dos telhados, por exemplo.

A cabra montez, que recebem uma ferida grave, separa-se do rebanho, retira-se para um logar deserto, deita-se entre as paredes e lambe a ferida. Alli se cura ou morre.

Os elephantes tambem se isolam para occultar a morte. Quando se sentem doentes, vão morrer em logares occultos que só elles conhecem.

Os lamas (camellos) não morrem no primeiro logar que apparece. Tem logares fixos que se tornam com o tempo verdadeiros ossuarios. «Tem-se notado, diz o sr. Houzeau, que estes animaes, domesticos e selvagens ao mesmo tempo, escolhem um logar particular para onde todos se retiram para morrer. Encontram-se nas margens dos rios grandes espaços todos embranquecidos pelos seus ossos.» É talvez da mesma maneira que se pôde explicar a abundancia dos destroços osseos fosséis dos ursos, das hyenas, etc, que se encontram nas grutas.

As aves moribundas evitam a luz do dia e procuram os retiros mais sombrios. É, pelo menos, o que affirmo o sr. Ballion e assim se explicaria o motivo porque nunca se encontram aves mortas, como affirmam os varredores do Jardim do Luxembourg e do Jardim das Plantas, nas aleas dos grandes jardins publicos.

Pelo que precede, diz o sr. Ballion, suppor-se-ha que a maior parte dos animaes selvagens se escondem á aproximação da morte, furtando d'esse modo os seus restos á nossa vista. É assim, realmente, em muitos casos. Mas conveni acrescentar que o mais das vezes os cadaveres desaparecem porque se tornam presa de tudo o que vive da morte. Far-se-ha uma idéa da rapidez com que essa desapareção se effectua, vendo em que se tornam, por exemplo, os animaes de lá, cujos cadaveres juncam muitas vezes as charceas. Logo que o enxame das moscas carnivoras dá o signal da presa, chegam cães, corvos e todas as aves de rapina para se banquetearem com as visceras e partes molles. Chegada a noite, vêm por sua vez tomar parte no festim os animaes das trevas. Entretanto, sobrevem uma multidão de insectos, que acabam a obra de destruição. Depois d'alguns dias não restam d'uma ovelha senão alguns ossos e alguma lã espalhada. «Contudo, acrescenta o mesmo auctor, não posso suppôr que aconteça o mes-

mo com os restos dos elephantes, por isso que não é facil o desaparecimento d'essas ossadas gigantescas. Nota-se que se não encontram nunca, por assim dizer, esqueletos de elephantes mortos. A raridade d'esses restos explica-se pelo habito que tem esse animal de ir morrer longe, e em sitio occulto, como já dissimos acima? Seguindo o sr. Cameron, o que influe no caso não é a acção do tempo mas dos ruminantes. Estes animaes tem um gosto pronunciado por aquelles ossos, que consomem a pouco e pouco, roendo-os, de maneira que, em dois annos, um esqueleto, por mais gigantesco que seja, pôde desaparecer totalmente. Um facto que tenho observado muitas vezes, é de molde a fazer acreditar essa opinião, tão estranha á primeira vista. Os nossos ruminantes domesticos appetecem e engolem com avidéz substancias mineaes, taes como argamassa, calça, a propria terra, que encerram saes calcareos, uteis sem duvida á sua nutrição. Como havia a ave de escapar a todas estas causas de destruição? Não é a sua carne delicada a presa preferida por todos os animaes de garra, assim como é o maior regalo dos gastronomos? As aves, que escapam durante a vida á voracidade dos seus inimigos naturaes, pertencem-lhes depois da morte, e quando não são engolidas por uma vez, mal se acham restos das suas penas espalhadas, levadas ao longe pelas animaes de rapina diurnos. Depois, essas mesmas penas desaparecem por sua vez, roidas e pulverizadas por myriades de insectos e pelo mundo voraz dos seres inferiores aos quaes nada resiste do que tem vida.»

Se não houvesse microbios, a terra seria um terrível ossuario.

Henri Coupin.

ANNUNCIOS
CONVITE

A commissão nomeada para rever o projecto dos estatutos para a Irmandade do Senhor dos Passos da freguezia de Nossa Senhora da Gloria, apresentados em assembleia geral do dia 9 do corrente, tendo concluido os seus trabalhos, convida por este meio todos os habitantes da freguezia a comparecerem no proximo domingo 16 do corrente, pelas 2 horas da tarde, na sala das sessões da confraria do SS., na Igreja matriz da freguezia, afim de serem discutidos e approvados os mesmos estatutos.

Aveiro, 14-12-900.
A Commissão.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

depoz o meu livre arbitrio e o privilegio da minha independencia. O templario, servo em tudo menos no nome, não pôde possuir terras, nem fazendas; vive, anda e respira á vontade e ao agrado d'outrem.
— Ah! exclamou Rebecca, que vantagens pôlem compensar um sacrificio tão absoluto?
— O poder da vingança, Rebecca, respondeu o templario, e os planos da ambição!
— Trista recompensa, disse Rebecca, para o abandono dos direitos mais caros do homem!
— Não falles assim, donzella, replicou o templario; a vingança é o manjar dos deuses! E se elles a reservaram para si, como dizem os seus sacerdotes, é porque a consideram um prazer muito precioso para que o possam gozar os simples mortaes. E a ambição? essa é

uma tentação que até no proprio céu ponde dar entrada e perturbar a sua beatidade.—Rebecca! continuou elle depois de um momento de pausa, aquella que é capaz de preferir a morte á deshonra deve ter uma alma energica e altiva. É necessario que sejas minha... — Não te assustes, acrescentou elle, — é necessario que sejas minha, mas por tua livre vontade e segundo as tuas condições. É necessario consentires em partilhar commigo esperanças mais vastas do que as que se podem formar no throno de um monarcha. Ouve-me antes de responderes e reflecte antes de recusares.—Como te disse, o templario perde os seus direitos sociaes e o seu livre arbitrio, mas torna-se membro de um corpo possante, perante o qual já tremem os thronos, — do mesmo modo que uma simples

gotta de chuva cahida no mar fica sendo uma parcella d'esse oceano irresistivel, que mina os rochedos e engole armadas reaes. Uma torrente que está sempre a crescer tal é a nossa liga formidavel. É essa poderosa ordem eu sou, não um fraco membro, mas já um dos principaes commedadores, e posso muito bem aspirar a empunhar um dia o bastão de grão-mestre. Não serão só os pobres soldados do templo que porão os pés sobre o pescoço dos reis: um frade de sandalias de canhamo pôde fazer o mesmo. Mas o nosso calçado de malha subirá ao throno d'elles e a nossa manopla arancará o sceptro das suas garras. O reinado do Messias, que vós esperaes em vão, não offereceria ás vossas tribus dispersas um poder tão grande como aquelle a que a minha ambição pôde aspirar. Eu

só proenrava uma alma irmã da minha para partilhar com ella, e essa alma encontrei-a em ti.

— Tu dizes isso a uma mulher da minha raça?! disse Rebecca. Esqueceas-te de que...

— Não me repliches, disse o templario, insistindo na differença das nossas creanças; nos nossos conselhos secretos nós fazemos troça d'essas historias da carochinha. Não julgues que ficamos por muito tempo cegos quanto á loucura idiota dos nossos fundadores, que renunciaram a todos os deleites da vida pelo prazer de morrerem martyres, á fome, á sede, pela peste e pelas espadas dos selvagens procurando em vão defender um deserto esteril, que só tem valor aos olhos da superstição. Em breve a nossa ordem conceberá vistas mais arrojadadas e mais largas e achou nelhor

indemnisação aos nossos sacrificios. A nossas innumerables possessões em todos os reinos da Europa e a fama dos nossos feitos d'armas, que attrahe ás nossas fileiras a flor da cavallaria de todo o orbe christão, são applicadas a fim de que mal se lembraram os nossos piedosos fundadores, e que egualmente occultamos a alguns espiritos fracos que abraçam a nossa ordem seguindo os antigos principios, e cuja superstição os torna para nós em instrumentos passivos. Mas não desvendarei mais o véo dos nossos mysterios. O som da buzina annunciou alguma coisa que reclama a minha presença. Pensa no que eu te disse. Adens! Não te digo que me perdões a violencia com que te tratei porque ella foi necessaria para patentear o teu character.

(Continúa)

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café em diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, parafusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALQUILARIA

DE

MAUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de alugar, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—**AVEIRO**

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia **SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix**.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

POVO DE AVEIRO

Almanach illustrado

DO

“OCCIDENTE”,

Para 1901

Esta excellente almanach, um dos melhores que entre nós no seu genero se publica acaba de ser posto á venda nas principaes terras do paiz, e d'elle recebemos um exemplar.

Profusamente illustrado e selectamente redigido, contem, além de todas as tabellas uteis e proprias de um bom almanach, um grande numero de artigos litterarios, artisticos e scientificos, muito interessantes e instructivos, acompanhados de gravuras, de monumentos quadros, estatuas, retratos, etc.

Verdadeiro modelo do annuario illustrado, cuja colleção é já hoje bastante valiosa, o *Almanach do “Occidente” para 1901*, trata entre outros, dos seguintes assumptos:

Centenario de Castilho, anniversario da batalha do Bossaco, convento do Carmo em Lisboa, a campanha contra o Mafuco, centenario do descobrimento do Brazil, exposição universal de Paris, a estatua da Historia por Teixeira Lopes, D. Adelaide de Bragança no seculo e no claustro, as romarias portuguezas, a serra da Arrabida, o frei Martinho e a gruta de Santa Margarida, centenario de Antonio Ribeiro Saraiba, actriz Angela Pinto, 1.º centenario do patrão Joaquim Lopes, o poeta Malhão, o quinto centenario de Guttemberg, a secção agricola portugueza na exposição de Paris, etc, etc, sobressahindo uma synopse das conquistas e descobrimentos portuguezes assaz completa.

Entre os mortos illustres dá-nos os retratos de Camara Pestana, Barjona de Freitas, Serpa Pimentel, Eça de Queiroz.

O apreciavel Almanach, custa 200 réis cada exemplar, encontra-se á venda em todas as livrarias e na *Empresa do “Occidente”*, Largo do Poço Novo, Lisboa, aonde devem ser dirigidos todos os pedidos.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gamaireiro. Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins
(O GAFANHÃO)

R. da Costeira—**AVEIRO**

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varinos.



BRAZIL, PARÁ E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil

Passagens de 1.ª 2.ª e 3.ª classes, em todas as companhias de paquetes por preços muito reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e de Lisboa.

As passagens tomadas n'esta casa gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas respectivas companhias aos srs. passageiros.

Esta agencia encarrega-se de solicitar passaportes e de obter no Porto e nas provincias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessarios para os mesmos.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores e a homens sós para o Estado de S. Paulo.

AFRICA OCCIDENTAL

em 1, 11 e 21 de cada mez.

Para mais esclarecimentos dirigir-se directamente aos agentes habilitados em harmonia com a lei.

Abel Paulo & Pereira,

88—Praça da Batalha—PORTO.

(Em frente ao governo civil)

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo
(Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir byciclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, pertumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALCÕES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES — AVEIRO

NESTA antiga e acreditada

officina de calçado executa se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.